

## **Coberturas jornalísticas relacionadas à morte de pessoas travestis no Brasil: um retrato de desrespeito à identidade de gênero no caso Laura Vermont<sup>1</sup>**

Daniel José de Castro Silva ZACARIOTTI <sup>2</sup>  
Anelise Wesolowski MOLINA<sup>3</sup>  
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

### **Resumo**

Este artigo busca apresentar e desenvolver um pensamento crítico quanto às coberturas jornalísticas nas mortes de pessoas travestis no Brasil, trazendo equívocos em termos de nomenclatura e cobertura das notícias como um fator de extrema deslegitimação da subjetividade travesti. Para isto, trazemos o caso amplamente divulgado pelos mais diversos sites e jornais brasileiros, o da morte da travesti Laura Vermont, morta em 2015 na cidade de São Paulo. O caso teve uma grande cobertura nacional e internacional por seu caráter de extrema subalternação e violência contra a travesti. Sendo assim, trataremos o presente estudo, a partir de uma análise qualitativa das palavras e discursos empregados nas reportagens e comentários, para ressaltar a importância da valorização e do respeito às particularidades dentro do fazer jornalístico.

**Palavras-chave:** Comunicação; Identidade de Gênero; Jornalismo; Representatividade; Travestis;

### **1- Contextualização**

A questão da subjetividade e das vidas travestis tem ganhado um amplo espaço de discussão dentro das discussões informais, meios acadêmicos e mídia brasileira nos últimos anos. Poderíamos associar este fator simplesmente ao alto crescimento em termos de acesso de pessoas transexuais e travestis aos meios de comunicação e divulgação de informações, porém, não podemos apagar ou esquecer a luta da comunidade travesti brasileira dentro da história, principalmente no século XX.

Existem diversos relatos da batalha das travestis brasileiras por um local de representatividade e aceitação, para além do fetichismo existente sobre estes corpos que se encontram fora dos extremos do fator gênero – trazemos extremos pensando no fator dicotômico associado ao rizoma gênero, sendo os extremos o masculino e o feminino, e que o corpo travesti não está inserido em nenhum destes dois pólos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Graduando do 8º. semestre do Curso de Comunicação Social da UCB. E-mail: [danielzacariotti@gmail.com](mailto:danielzacariotti@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da UCB, E-mail: [anelise.molina@gmail.com](mailto:anelise.molina@gmail.com)

---

Temos diversos relatos quanto às atividades travestis no século XX, como por exemplo, a etnografia de Hélio R. S. Silva que trata da vida das travestis que trabalhavam com prostituição no bairro da Lapa no Rio de Janeiro nos anos 90, ou também, a etnografia lírica realizada por Don Kulick que nos traz a realidade das travestis que viviam na região do Pelourinho em Salvador nos anos 90.

Acreditamos que a partir da constante reivindicação de espaços por parte das travestis nos séculos anteriores, em especial das que tinha seus nomes ligados à arte e a mídia, foi possível que hoje em dia pessoas transexuais e travestis pudessem ocupar lugares de autoridade e prestígio social na realidade brasileira.

Devemos então entender, mesmo que brevemente, quem são as travestis e do que se trata sua subjetividade e identidade de gênero. Para isto, ressaltando a necessidade de valorização dos discursos trazidos pela comunidade trans, iremos trazer uma breve definição feita pela pesquisadora e ativista dos direitos das pessoas transexuais Daniela Andrade:

‘... as travestis geralmente vão dizer que não são nem homens e nem mulheres, mas um terceiro gênero, um não gênero, uma mistura de ambos os gêneros: homem e mulher, ou simplesmente travesti. Mas o papel de gênero das travestis continua sendo feminino, ou seja, elas geralmente vão continuar se apresentando e querendo ser tratadas no feminino, ou de acordo com aquilo que a sociedade considera feminino. O que não é uma regra escrita na pedra, pois, em se tratando de identidades humanas, nada é fixo.’<sup>4</sup>

Neste contexto, devemos ressaltar a importância da consciência quanto à ampla fluidez e o amplo espectro que cerca o termo gênero em nossa sociedade, não podendo entendê-lo como um elemento que possa ser estático ou, como tão comumente é visto, dicotômico.

Gênero também deve ser diferenciado dos conceitos de sexo biológico e orientação sexual, sendo o primeiro definido por elementos genéticos e cromossômicos e o segundo por atrações físicas, psíquicas e sexuais - sendo isto importante para estabelecermos o elemento social do qual estamos tratando. Afinal, travestis podem estabelecer relações sexuais e amorosas tanto com homens quanto com mulheres, sendo que em geral estas relações acontecem com homens.

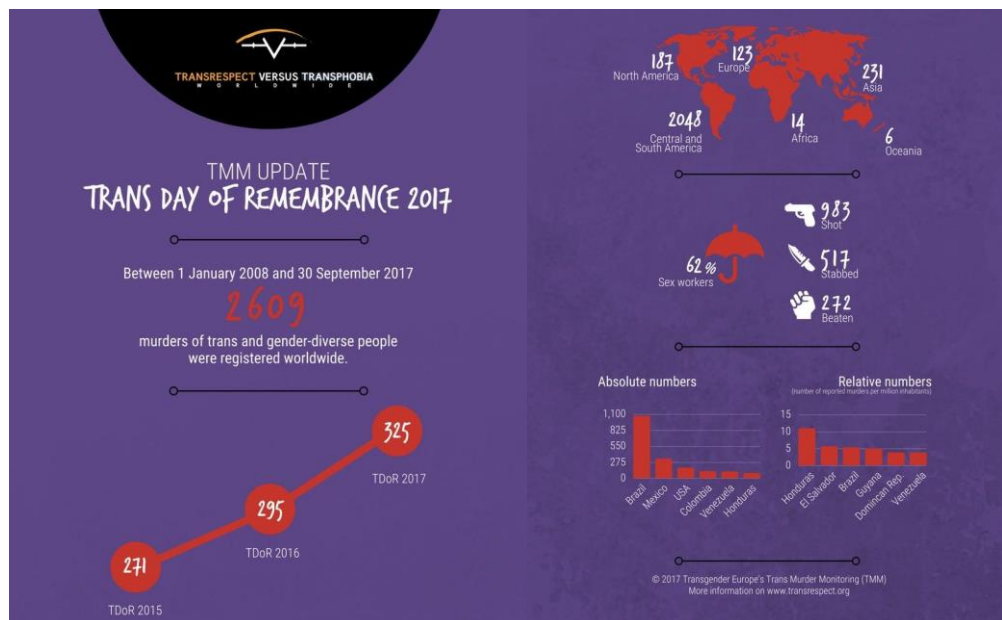
---

<sup>4</sup> Texto disponível no Blog Não me Kahlo: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/04/18/Cis-Trans-Travesti-o-que-significa>

As travestis também não podem ser confundidas ou tidas como homens homossexuais afeminados, pois estes são indivíduos masculinos que apresentam atração por pessoas do mesmo sexo e uma performance de gênero associado à feminilidade – tendo a referência de feminilidade de sociedades ocidentais, capitalistas e patriarcais.

Sendo assim, trazemos o presente estudo diante da necessidade de se entender a realidade travesti dentro do contexto brasileiro, tendo que, falar sobre travestilidade e pessoas com gêneros e subjetividades divergentes de um padrão binário exclusivamente feminino ou masculino é um assunto em real urgência quando pensamos no nosso país.

O Brasil está atualmente, a partir de uma pesquisa realizada pela organização não governamental Transgender Europe (TGEU)<sup>5</sup>, em primeiro lugar no número de mortes de pessoas transexuais e travestis.



(Fonte: TGEU<sup>6</sup>)

Quando olhamos as pesquisas realizadas pela TGEU percebemos que o Brasil não só está em primeiro lugar, mas também ocupa este posto em todos os relatórios realizados pela ONG desde o ano de 2008 e está com um número mais do que três vezes maior de mortes quando comparado com o segundo país com o número mais alto - o México.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)<sup>7</sup> em 2017 foram contabilizados 179 assassinatos de pessoas transexuais e travestis sendo que

<sup>5</sup> Pesquisa disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017/>

<sup>6</sup> Mapa do número de mortes. Disponível em: [https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2017\\_Infographics\\_EN.png](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT_TMM_TDoR2017_Infographics_EN.png)

estes aconteceram 69,7% com jovens entre 16 e 29 anos e tiveram Minas Gerais, Ceará e São Paulo como as Unidades da Federação com o maior número de mortes – fator a ser ressaltado devido ao caso que foi estudado no presente artigo ter um ocorrido em São Paulo.

Temos ainda, a expectativa de vida de travestis na faixa dos 35 anos, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios<sup>8</sup>, em comparação com a média nacional, segundo o IBGE<sup>9</sup>, ser de 75,8 anos. Estes fatos corroboram para um pensamento quanto à vida, e dentro deste artigo a morte, de travestis dentro do Brasil, como podemos não olhar para uma parcela da população que sofre um processo de marginalização? E como este processo acontece até mesmo após a morte, em geral de maneira violenta, destas travestis.

Resolvemos então trabalhar com reportagens relacionadas à morte dessas pessoas, trazendo a premissa básica de que o jornalismo como um produtor de conteúdo e informação possui o poder de ressaltar o valor da vida de um indivíduo ou causar um ato que aqui chamaremos de “segunda morte de travestis”, quando reportagens e comentários não respeitam as identidades de gênero em atos como a chamada de travestis com o artigo “o” – o travesti, do travesti – e a divulgação de nomes de certidão de nascimento – exemplo: “A travesti Ana Júlia, registrada como Lucas da Silva”.

Acreditamos que ao realizar ações como as referidas acima, os jornais estão reforçando um processo machista, transfóbico e preconceituoso de exclusão da subjetividade travesti como uma possibilidade possível dentro dos espectros de gênero, categorizando a travesti morta, assassinada, como um homem que estava vestido de mulher ou um homem que adotava um nome de mulher.

Esperamos assim com o presente estudo ressaltar a necessidade de atenção e informação dos jornalistas nas produções de matérias relacionadas às diversidades, sejam estas raciais, sociais, de gênero ou quaisquer outras, para que assim, não haja casos de deslegitimação de um indivíduo até mesmo após o seu falecimento.

## 2- Objeto

---

<sup>7</sup> Pesquisa: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>

<sup>8</sup> Pesquisa disponível em:

<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/default.shtm>

<sup>9</sup> Tabela Completa de Mortalidade de Ambos os Sexos em 2016:

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade\\_2015/xls/ambos\\_os\\_sexos.xls](ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2015/xls/ambos_os_sexos.xls)

---

O objeto que o presente artigo pretende analisar e entender são reportagens jornalísticas e comentários nestas reportagens em relação ao assassinato da travesti Laura Vermont, morta em 2015 na cidade de São Paulo, assassinato este que foi cometido, ou melhor, corroborado, juntamente por um grupo de rapazes e dois policiais.

Trabalharemos então, com uma série de reportagens referentes aos crimes cometidos e as decorrências de investigação policial, tratando não só das reportagens em si, mas também, dos comentários realizados nestas coberturas. Traremos trechos de reportagens de diversos veículos, em especial do G1 que divulgou diversas reportagens sobre o caso, e também de alguns blogs para salientar o pensamento quanto à necessidade de representatividades nestes meios comunicacionais.

Devemos primeiramente entender, mesmo que brevemente, o caso que será aqui estudado a partir das reportagens e coberturas jornalísticas. O caso da morte de Laura Vermont é cercado de diversas versões, incongruências e disparates, sendo assim, tentaremos trazer um relato próximo às alegações e conclusões tomadas pela justiça em relação ao que de fato ocorreu.

Na noite do dia 20 de junho de 2015 Laura estava no carro de um cliente de uma amiga também travesti, indo para sua casa. Reportagens dizem que Laura teria discutido com sua amiga dentro do carro e a cortado com um canivete. Ambas desceram do veículo na Avenida Pires do Rio e continuaram a brigar, segundo relatos do caso feitos pelo delegado José Manoel Lopes que investigou o caso.

Durante esta briga um motoboy teria passado por ambas e arrancado o canivete das mãos de Laura. Relatos dizem que Laura brigou com diversas pessoas naquela noite, chegando a se desentender com um casal antes de chegar à Avenida Nordestina onde teria sua vida tirada por uma série de agressões. Ao passar em frente a uma padaria teria se desentendido com um grupo de cinco rapazes, que estavam alcoolizados de acordo com diversas reportagens, os rapazes então a agrediram.

A Polícia Militar de São Paulo foi chamada ao local para atender a um chamado relacionado à briga entre Laura e o grupo de rapazes. Os dois policiais, Diego Clemente Mendes e Ailton de Jesus, disseram que ao chegar ao local a travesti teria entrado na viatura policial e tentado roubar o veículo, o soldado Diego estaria dentro do carro e teria dado um tiro no braço da travesti para evitar o roubo, Laura teria dirigido o veículo até bater em um muro.

---

Depois disso, a travesti teria saído do carro e corrido pela Avenida Nordeste, tendo a cabeça atingida por um ônibus e por um poste, de acordo com o relato dos policiais. Os policiais ainda alegaram, em depoimento à 63ª Delegacia de Polícia, terem levado Laura e prestado todo o socorro necessário.

Durante a investigação realizada pela Polícia Civil do estado de São Paulo os PMs apresentaram uma suposta testemunha que confirmou a versão dos policiais, com extremo detalhe – como dito pela delegada Ivna Schelble. A equipe que estava investigando o caso acabou desconfiando dos relatos feitos pelos policiais e pelas testemunhas e decidiu voltar ao local onde Laura morrera para averiguar fatos apresentados nos depoimentos.

A partir da investigação foi possível descobrir que Laura não sabia como dirigir e nunca havia o feito antes, que a testemunha havia sido forçada pelos policiais a dizer o que havia dito, que ambos não haviam levado Laura a um hospital – quem prestou o socorro foi a irmã da travesti –, que quem havia dado o tiro na verdade era o sargento Ailton e não o seu colega e que o soldado Mendes havia sido coagido por seu companheiro a mentir durante os depoimentos.

A causa oficial da morte de Laura foi dada como traumatismo craniano gerado pelas diversas agressões sofridas por ela naquela noite e foram incriminados os cinco rapazes pelo espancamento realizado e ambos policiais por falso testemunho durante a investigação. Vemos então, que o caso do assassinado de Laura foi muito conturbado e difícil de se ter um relato oficial e coeso.

### **3- Metodologia**

O presente artigo, partindo das reportagens e comentários quanto ao caso de assassinado de Laura Vermont propõe a realização de uma revisão de material bibliográfico quanto à situação travesti, em especial no Brasil, e também uma pesquisa qualitativa com foco na análise de conteúdo, em especial das palavras e discursos empregados nas reportagens.

Realizamos então os três passos da análise de conteúdo, como trazido por Gilberto de Andrade Martins e Carlos Renato Theóphilo em seu livro “Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas” de 2016, a pré-análise – momento de seleção e organização de materiais –, a descrição – espaço para entendermos mais profundamente quanto ao elemento que estamos analisando – e a

---

interpretação – parte final do processo onde o pesquisador reflete e desenvolvem um pensamento crítico quanto ao seu objeto.

Tendo o entendimento basal de que os meios de comunicação possuem um poder extremamente vigente de disseminação, produção e omissão de informações e saberes, resolvemos trabalhar especificamente com a análise do discurso apresentado nestes meios, trabalhando particularmente no presente artigo com o entendimento em relação à utilização de determinadas palavras e fatos.

A Análise do Discurso pode demonstrar que aquilo que é lido não é a realidade, mas apenas um relato da realidade propositalmente construído de determinado modo, por um sujeito. Através do destrinchamento do funcionamento dos textos e da consequente observação de sua articulação com as formações ideológicas, ela permite desvendar, no contexto da sociedade, o confronto de forças, as relações de poder, os dominós de saber. A AD considera essencial a relação da linguagem com a exterioridade, que pode ser compreendida como as condições de produto do discurso. Nessas condições estão incluídos não apenas o falante e o ouvinte, mas também o contexto histórico-social e ideológico da comunicação. (MARTINS & THEÓPHILO, 2016, p. 101)

Percebemos então a análise do discurso como a metodologia ideal para a presente pesquisa que pretende demonstrar a importância de um cuidado por parte do fazer jornalístico na utilização de determinadas informações devido a um fator social, o respeito à identidade de gênero.

#### **4- Referencial teórico**

Entramos agora em uma breve contextualização teórica quanto às pesquisas já existentes em relação aos estudos de gênero e as correlações deste com o campo de pesquisa da comunicação.

Primeiramente devemos entender o que seria o rizoma gênero dentro das perspectivas de pensamento do presente artigo. Trabalharemos gênero a partir dos estudos de Iris Maion Young, Joan Scott, Judith Butler e Paul B. Preciado.

A partir da leitura destes autores podemos perceber diversos apontamentos quanto a fatores como a variedade ou serialidade de gêneros, a influência deste fator nas diversas relações sociais – como fatores econômicos e políticos – e também, a presença do gênero nas mais diversas categorias de formação de um corpo, uma subjetividade e uma personalidade.

Traremos então o fator gênero como um espaço amplo e que jamais poderia ser tomado como um simples enquadramento, um rizoma onde existem diversas possibilidades que não devem se anular ou serem tomadas como dicotômicas, que está constantemente sendo perpassado por todos os outros fatores da sociedade – raça e classe, por exemplo –, que possui fatores de formação como a cultura ou os costumes de um povo, fatores biológicos e a experiência pessoal dos indivíduos e que deve ser entendido pelas mais diversos campos de estudo – sociologia, comunicação, tecnologia, arte e tantos outros.

Dentro dos assuntos relacionados às identidades de gênero e sexuais, relações dos indivíduos interpessoais e intrapessoais, está o grupo de pessoas que se identifica como trans – transexuais, transgêneros, travestis e outros –. Este grupo se identifica com gêneros que não são os que lhe foram impostos ao nascer, como por exemplo, um homem trans seria um indivíduo que foi enquadrado como uma mulher ao nascer, mas que, não se identifica com o gênero e/ou sexo que lhe foi imposto.

Estes grupos de indivíduos questionam uma lógica binária e heterocentrada, ao quebrarem com padrões de masculinidade e feminilidades impostos aos corpos eles promovem uma fuga do enquadramento de sujeitos em um sistema binário que tomaria como corretas subjetividades apenas masculinas em corpos machos e heterossexuais ou subjetividades femininas em corpos fêmeas e também heterossexuais.

Preciado, filósofo espanhol, desenvolve em seu livro “Manifesto Contrassexual” à proposta de um sistema que o mesmo chama de contrassexualidade – onde haveria uma quebra com estes padrões biológicos, sociológicos e culturais impostos aos corpos.

A contra sexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contra sexualidade é. Em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato sexual heterocentrado, cuja performatividades foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contra sexualidade aponta para a substituição deste contrato social que denominamos Natureza por um contrato contras sexual (PRECIADO, 2017, p.21).

Vemos então nos estudos de Preciado essa possibilidade de quebra com um padrão tido como natural, mas que na verdade é fruto de uma construção histórica da sexualidade, do sexo e do gênero. Sendo assim, vemos a importância de se ressaltar a



---

subjetividade como o ponto de encontro do humano individual com os grupos sociais, a subjetividade que transcende padrões impostos e gerados pelas culturas.

Devemos entender então porque estudar estes grupos sociais de pessoas trans em relação com os objetos e meios comunicacionais. Pierre Bourdieu nos traz em seu livro “Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos” alguns apontamentos como: a influência política e econômica que existe sobre as mídias e jornais, a relação do jornalismo com os índices de audiência – o mesmo desenvolve um estudo mais voltado ao jornalismo televisivo, mas que pode ser aplicado aqui – e, como as notícias e acontecimentos divulgados são escolhidos especificamente para determinar certos pensamentos e posicionamentos.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Vemos então no jornalismo tanto esse local de controle de determinados grupos sociais que possuem poder sobre grande parte dos meios, mesmo que nos últimos anos tenham surgido muitos canais e jornais independentes essa situação ainda se faz presente nos grandes veículos, quanto um espaço de oportunidade. Oportunidade de se representar as minorias sociais e políticas de maneira correta e não segregante ou sensacionalista, porém, esta representação não acontece muitas vezes pelos poderes de divulgação e produção dentro destes meios estarem centrados nas mãos de um grupo não diverso com pensamentos em geral machistas e LGBTIfóbicos.

Finalizamos esta contextualização com um artigo e um post em blog, blogueiras feministas, que trazem à tona questões relativas especificamente à transfobia no jornalismo brasileiro. O post realizado em 2015 por Talita Barbosa tem como título “O desrespeito à identidade de gênero no jornalismo brasileiro” e traz relatos e questionamentos quanto às coberturas nos casos dos assassinatos e violência contra as travestis – em especial da travesti Dandara –, a autora questiona o poder do jornalismo de ditar nomes e artigos diferentes daqueles que o indivíduo se identifica/identificava.

O artigo feito na Universidade Federal do Pará e apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2017, nos traz os relatos quanto ao caso de agressão de uma travesti por taxistas na cidade de Belém. O caso além de também envolver má conduta policial mostra diversas falsas incriminações da travesti

para suprimir o ato transfóbico ocorrido e a tentativa de enquadrar o crime como violência urbana e tirar o caráter de preconceito do mesmo. Vemos assim, que existe um crescente número de estudos em relação ao cenário LGBTI dentro do Brasil e, em especial, dentro do campo da comunicação.

## 5- Análise do objeto

Após entendermos as referências teóricas e os estudos já existentes quanto à perspectiva das relações de gênero e como esta interagem com a comunicação, vamos partir para a análise profunda de nosso objeto.

Traremos assim algumas reportagens divulgadas entre 2015 e 2017 quanto ao caso Laura Vermont:

De acordo com a investigação policial, Laura, que tem no registro o nome de David Laurentino Araújo, brigou com várias pessoas antes de morrer, chegando até a roubar um carro da Polícia Militar (PM). Segundo o 32º Distrito Policial (DP), Itaquera, que investigou o caso, câmeras de segurança de uma padaria gravaram a briga entre os cinco rapazes e a travesti. A polícia descartou a possibilidade de o crime ter sido motivado por homofobia.

(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do G1)<sup>10</sup>

Para a defesa de um dos dois **policiais militares presos suspeitos de mentir sobre a morte de uma travesti** de 18 anos, ele atirou, mas não matou a vítima no último sábado (20) na Zona Leste de São Paulo. David Laurentino Araújo, que usava o nome social de Laura Vermont, morreu após brigar com outra travesti e roubar o carro da Polícia Militar (PM). Os agentes haviam sido acionados para apartar essa confusão.

(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do G1)<sup>11</sup>

Ela morreu há uma semana na Zona Leste de São Paulo. Exames médicos apontaram que Laura, que tem no registro o nome de David Laurentino Araújo, morreu de "traumatismo cranioencefálico causado por agente contundente".

(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do G1)<sup>12</sup>

Ao todo, cinco rapazes são suspeitos de assassinar Laura, que tem no registro o nome de David Laurentino Araújo. No dia 2 de julho, três deles haviam sido presos pelo crime. Os presos são dois irmãos e um amigo deles, com idades entre 22 e 24 anos.

(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do G1)<sup>13</sup>

David Laurentino Araújo, travesti conhecida como Laura Vermont, de 18 anos, morreu após ser espancada na zona leste de São Paulo, na madrugada deste sábado (20).

<sup>10</sup> Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/apos-2-anos-5-reus-acusados-de-matar-travesti-laura-vermont-seguem-soltos.ghtml>.

<sup>11</sup> Reportagem disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/pm-atirou-na-travesti-laura-vermont-mas-nao-matou-diz-advogado.html>.

<sup>12</sup> Reportagem disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/travesti-morreu-em-sp-por-causa-de-traumatismo-craniano-diz-laudo.html>.

<sup>13</sup> Reportagem disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/policia-de-sp-indicia-4-suspeito-de-agredir-e-matar-travesti-laura-vermont.html>

---

(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do R7)<sup>14</sup>

Segundo a Polícia Civil, a travesti Laura Vermont, nome adotado por David Laurentino de Araújo, 18, foi a uma festa na avenida Nordeste, na região da Vila Jacuí, na madrugada de sábado. Lá, brigou com outra travesti e ficou com ferimentos no rosto e em outras partes do corpo.

(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do UOL)<sup>15</sup>

Selecionamos as reportagens e trechos acima por um fato que se repete em todas elas: a divulgação do nome de registro de Laura Vermont. Se pensamos o nome como o principal elemento de denominação, e autodenominação, perante o mundo – uma analogia talvez às questões relacionadas a significados e significantes – podemos entender o desrespeito e a deslegitimação quanto à identidade travesti quando seu nome de registro, e diferente do que a mesma se identifica, é divulgado em reportagens ou notícias.

Pensando nesse nome ainda, como um resgate às experiências que os indivíduos têm antes de sua vida e vivência como travesti, processos de auto identificação e de fuga de um ideal de masculinidade e/ou feminilidade, desejados muitas vezes pelas famílias, resolvemos chamar este ato de divulgação de nomes de registro como “segundas mortes travestis”.

Um momento que, sem relevância para a investigação jornalística ou para o sistema de circulação de informações, mata a travesti ao esquecer e apagar tudo que a mesma lutou para conseguir em relação a sua apresentação ao mundo e a recepção delas como indivíduos femininos, mata as travestis ao excluir seus nomes reais e recorrer a registros.

Devemos então entender que um elemento simples como a mudança, ou melhor, o erro de um nome pode causar um efeito e uma réplica de preconceitos e enquadramentos errôneos destes corpos e subjetividades. Se as mídias e meios se sentem no direito de divulgar nomes que não fazem parte das vidas dessas travestis, a população pode se sentir no direito de usar nomes, artigos, preposições, adjetivos e pronomes que não correspondem ao desejo e a identidade de gênero destas travestis assassinadas.

---

<sup>14</sup> Reportagem disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/fotos/travesti-e-espancada-e-morta-na-zona-leste-pms-foram-detidos-suspeitos-de-envolvimento-no-caso-22062015#!/foto/1>.

<sup>15</sup> Reportagem disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/06/25/justica-da-liberdade-provisoria-a-pms-envolvidos-em-morte-de-travesti-em-sp.htm>.

Se pensarmos ainda em casos como o da travesti Verônica Bolina que, apesar de ter sido agredida dentro de uma delegacia em São Paulo e ter vídeos e fotos de suas agressões divulgadas com títulos a tratando como “um homem vestido de mulher”, sobreviveu entendemos que para sempre esta travesti terá uma série de matérias divulgadas com seu nome a deslegitimando.

Podemos nos perguntar o que seria mais prejudicial para a vida e a história destas travestis, a aqui referida como segunda morte ou ter sua vida desvalorizada e continuar viva para lidar com os preconceitos todos os dias?

Trazemos abaixo alguns comentários extremamente alarmantes feitos em uma das reportagens realizada pelo G1, a postagem que divulgava a inauguração do Centro LGBT que leva o nome de Laura Vermont.



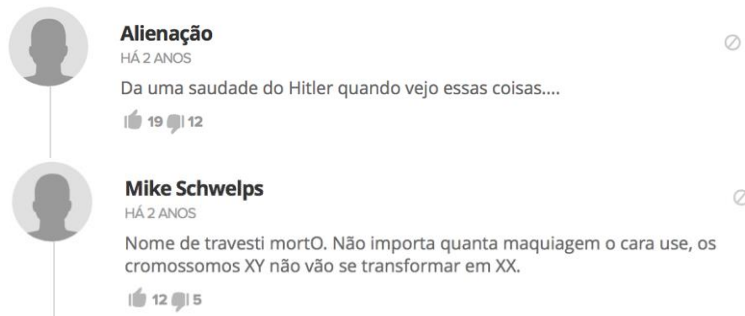
**Fernando Cúto**  
HÁ 2 ANOS  
Só uma pergunta... Isso agrega o que em valores de cultura? Vai mudar em que a vida das pessoas ... ou é um lugar onde aqueles meninos de camiseta apertada e cabelo arrepiado poderão ir para soltar o brioco sem medo?  
👍 27 🗨️ 11

**Marco Toledo**  
HÁ 2 ANOS  
Olha, tenho minhas opiniões, discordo do assunto "identidade de gênero", mas não posso ser um canalha nesse caso. O travesti foi realmente agredido, agredido covardemente por um grupo de homens. Tem vídeo e tudo.  
👍 24 🗨️ 21

**Diego B**  
HÁ 2 ANOS  
E quantos heterossexuais são agredidos e mortos da mesma forma TODOS os dias (esse aí do ga'y foi um caso isolado) ? E quantos moradores de rua são mortos todos os anos? Por que não fazer um abrigo para moradores de rua também? Por que os ga'ys merecem tratamento especial perante a lei?  
👍 17 🗨️ 16

**Marco Toledo**  
HÁ 2 ANOS  
Cara não tou nem discutindo o que esse prefeito fez ou deixou de fazer. Mas o que houve foi realmente uma agressão covarde, gratuita. O travesti caminhava na rua até que parou um carro, e um grupo de homens partiu pra cima do Travesti. O testemunho dos policiais foi falso. Não houve nenhuma briga entre dois travestis. Quiseram além de tudo, minimizar a gravidade do caso, tipo: "ah, só foi 2 travestis brigando". Cara, os que deviam dar apoio a vítima quiseram "manchar" o nome dela.  
👍 9 🗨️ 8

**Cresmair Carmo**  
HÁ 2 ANOS  
ESTAVA SE PROSTITUINDO NA RUA AO INVÉS DE TRABALHAR, BRIGA E ESFAQUEIA UMJ OUTRO TRAVESTI, ROUBA O CARRO DA POLÍCIA E SAI DIRIGINDO. TINHA QUE LEVAR UNS "PIPOCOS" MESMO DA PM. MUITO OBRIGADO POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO !!!  
👍 17 🗨️ 3



(Fonte: Foto da tela tirada pelo autor na reportagem do G1 em relação à inauguração do Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont)<sup>16</sup>

Percebemos nestes comentários diversos exemplos de preconceitos, corroborações com um discurso reducionista, segregante e exclusor. Desde exemplos como o primeiro que nos traz um ponto de vista que questiona as políticas públicas para a população LGBTI, passando por comentários que tentam “defender” a travesti e acabam utilizando artigos e adjetivos masculinos, comentários que apoiam a ação agressiva dos policiais e ainda agradecem, um comentário com um viés irônico que brinca com o genocídio de mais de 18 milhões de pessoas até o último comentário trazido que faz questão de corrigir a matéria e colocar a travesti morta em um local de “cara que usa maquiagem” a partir de uma explicação biológica.

Acreditamos que comentários como os aqui trazidos são o reflexo de uma sociedade, ousamos dizer até em escala global, que não entende as particularidades e subjetividades dos indivíduos e que caminha a passos muito lentos para um estado de convivências mais progressistas e igualitárias.

Pensamos ainda que, se as mídias e jornais procurassem entender a importância para as comunidades trans de elementos como os nomes e os vocativos e refletissem estas nomenclaturas de maneira correta em suas matérias poderíamos ter um movimento progressistas causado pela mídia de entendimento e correto tratamento das mais diversas identidades de gênero.

## 6- Considerações finais

Considerando este cenário de violência desmedida e sem previsão de fim ou de medidas que protejam as comunidades trans brasileiras, propomos estudos e

<sup>16</sup> Reportagem disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/07/sp-inaugura-centro-lgbt-na-zona-leste-com-nome-de-travesti-morta.html>.

pensamentos que corroborem com a divulgação destes corpos que são alvo de tamanha abjeção no cenário Brasileiro. Propomos ainda estudos, como o aqui realizado, que questionem as falas da mídia e que procurem dar uma maior visibilidade às pessoas travestis – ressaltando a importância das corretas nomeações e denominações.

Trazemos aqui os recentes estudos de uma transexual não-binária brasileira, que não chegou a publicar trabalhos devido ao seu antecipado falecimento, Matheusa Passareli. Matheusa era estudante de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e desenvolvia uma pesquisa quanto à presença do, por ela chamado, corpo estranho nos meios sociais, artísticos e acadêmicos.

Este corpo estranho trazido por Matheusa pode ser fortemente representado pelos corpos travestis, que estão em um limiar de desejo e repulsa dentro das mais diversas camadas brasileiras e que sofrem constantemente em suas vidas e, principalmente, em relação as que vivem em situações de rua e prostituição.

Matheusa foi mais uma das pessoas que entra para a contabilidade de mortes de transexuais no Brasil, um reflexo de nossa sociedade com um caráter extremamente coronelista, escravocrata, LGBTIfóbico e machista, uma estudante que ficou desaparecida durante uma semana na cidade do Rio de Janeiro e que foi encontrado apenas o corpo queimado e sem possibilidades de identificações conclusivas no dia 6 de maio de 2018.

Por estas atrocidades e violências sofridas pelas comunidades trans em suas vidas nós trazemos o presente artigo, com a intenção de alertar e ressaltar quanto à importância do respeito às identidades de gênero não binárias, em especial em meios de comunicação que possuem presença nacional e internacional.

## 7- Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Lucas da Silva et al. **A transfobia como violência urbana no jornalismo da TV Liberal: análise da cobertura do caso de agressão a uma travesti por taxistas em Belém/PA**. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1254-1.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2018

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica Para Ciências Sociais Aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

---

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Nova York: Columbia University Press, 1989.

YOUNG, Iris Marion. **O Gênero como Serialidade: pensar as mulheres como um coletivo social.** Revista Ex Aequo – Associação Portuguesa de Estudos das Mulheres, nº 8. Porto: Celta Editora, 2004.

Após 2 anos, 5 réus acusados de matar travesti Laura Vermont seguem soltos. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/apos-2-anos-5-reus-acusados-de-matar-travesti-laura-vermont-seguem-soltos.ghtml>. Acesso em: 10/04/2018.

Cis, Trans e Travesti: o que significa? Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/04/18/Cis-Trans-Travesti-o-que-significa>. Acesso em: 19/03/2018.

Justiça dá liberdade provisória a PMs envolvidos em morte de travesti em SP. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/06/25/justica-da-liberdade-provisoria-a-pms-envolvidos-em-morte-de-travesti-em-sp.htm>. Acesso em: 20/04/2018.

Manual de Comunicação LGBT. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunicação-LGBT.pdf> Acesso em: 17/04/2018.

O desrespeito à identidade de gênero no jornalismo brasileiro. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2015/07/o-desrespeito-a-identidade-de-genero-no-jornalismo-brasileiro/>. Acesso em: 15/04/2018.

PM atirou na travesti Laura Vermont, mas não a matou, diz advogado. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/pm-atirou-na-travesti-laura-vermont-mas-nao-matou-diz-advogado.html>. Acesso em: 16/04/2018.

Policia de SP indicia 4º suspeito de agredir e matar travesti Laura Vermont. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/policia-de-sp-indicia-4-suspeito-de-agredir-e-matar-travesti-laura-vermont.html>. Acesso em: 29/04/2018.

SP inaugura Centro LGBT na Zona Leste com nome de travesti morta. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/07/sp-inaugura-centro-lgbt-na-zona-leste-com-nome-de-travesti-morta.html>. Acesso em: 23/04/2018.

TMM Update Trans Day of Remembrance 2017. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017/>. Acesso em: 18/03/2018.

Travesti é espancada e morta na zona leste; PMs foram detidos suspeitos de envolvimento no caso. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/fotos/travesti-e-espancada-e-morta-na-zona-leste-pms-foram-detidos-suspeitos-de-envolvimento-no-caso-22062015#!/foto/1>. Acesso em: 20/04/2018.

Travesti morreu em SP por traumatismo craniano, diz laudo. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/travesti-morreu-em-sp-por-cao-de-traumatismo-craniano-diz-laudo.html>. Acesso em: 19/04/2018.